
“TEM GENTE MARROM, E TEM QUEM É COR DE PELE”: RELAÇÃO ENTRE PARES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Karina de Oliveira Santos Cordeiro¹
Daniela Coutinho Barreto²*

RESUMO

Este artigo apresenta uma pesquisa realizada em um município do interior da Bahia que teve como objetivo discutir como as relações interpessoais implicam para as construções identitárias das crianças negras, com idade de 4 a 6 anos, que frequentam um Centro de Educação Infantil. A intenção em realizar um estudo como esse se materializa na possibilidade de compreender como ocorrem as primeiras experiências de socializações interpessoais sobre as relações étnicas raciais através da cultura de pares. A abordagem da pesquisa é qualitativa, utilizou-se rodas de conversas como perspectiva metodológica para realizar a pesquisa com crianças e não sobre as crianças. A base teórica é articulada a partir dos estudos da infância e dos estudos culturais sobre as relações étnicas raciais na infância. Por meio dessa pesquisa, identificou-se que as experiências infantis sobre as questões identitárias no que diz respeito ao relacionamento com seus pares e a opinião deles, assim como a relação que se estabelece com a professora, pode se tornar uma lacuna no que diz respeito a construção da identidade da criança negra.

Palavras-chave: Infância. Relações étnico-raciais. Criança negra.

"THERE ARE BROWN PEOPLE, AND WHO IS FLESH-COLORED": RELATIONSHIP BETWEEN SIMILARS IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

ABSTRACT

This article presents a research carried out in a small city in Bahia, which aimed to discuss how interpersonal relationships contribute to the identity constructions of black children, aged 4 to 6 years, who attend an Early Childhood Education Center. The intention to carry out such a study materializes the possibility of understanding how the first experiences of interpersonal socializations about racial ethnic relations through peer culture, occurs. The approach of the investigation is qualitative and it has been taken conversation circles as methodological perspective to conduct a research with children not about the children. The theoretical basis is articulated from cultural and childhood studies and the racial ethnic relations in childhood. Through this research, it has been identified that the children's experiences on identity issues concerning relationship with their peers and their opinion, as well as the relationship established with the teacher, can become a gap in reference to the construction of the black child identity.

Keywords: Childhood. Ethnic-racial relations. Black child.

"TIENE GENTE MARRÓN, Y TIENE QUIÉN ES COLOR DE PIEL": RELACIÓN ENTRE PAREJAS EN LA EDUCACIÓN INFANTIL

RESUMEN

Este artículo presenta una investigación realizada en una ciudad del interior de la Bahia que tuvo como objetivo discutir cómo las relaciones interpersonales implican para las construcciones de identidad de los niños negros, con edad de 4 a 6 años, que frecuentan un Centro de Educación Infantil. La intención en realizar un estudio como éste se materializa en la posibilidad de comprender cómo ocurren las

¹ Doutorado em Educação. Professora Adjunta IV da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

² Especialização em Educação e Interdisciplinaridade. Professora da rede municipal de Feira de Santana – Bahia. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação da UEFS.

primeras experiencias de socializaciones interpersonales acerca de las relaciones étnicas raciales a través de la cultura de pareja. El abordaje de la investigación es cualitativa, se utilizó ruedas de charlas como perspectiva metodológica para realizar la investigación con niños y no sobre niños. La base teórica es articulada partir de los estudios de la niñez y de los estudios culturales acerca de las relaciones étnicas raciales en la niñez. A través de esa investigación, se ha identificado que las experiencias infantiles sobre las cuestiones de identidad en lo que dice respecto al relacionamiento con sus parejas y la opinión de ellos, así como la relación que se establece con la maestra, puede tornarse una brecha a respecto de la construcción de la identidad del niño negro.

Palabras clave: Niñez. Relaciones étnico-raciales. Niño negro.

INTRODUÇÃO

A educação escolar assume, na contemporaneidade, a responsabilidade de ser espaço para formação e para a socialização de indivíduos, a Educação Infantil e a família simultaneamente tornam-se responsáveis por dar início ao processo educativo da criança. Desde o princípio é importante articular educação, cultura e sociedade a fim de possibilitar desde a tenra idade que as crianças passem a conviver com a diversidade, garantindo a participação democrática em todos os espaços de convivência. A relação entre pares nessa fase escolar é uma das mais importantes formas de socialização, uma vez que é principalmente na escola que as crianças têm contato com seus semelhantes, percebendo, assim, semelhanças e diferenças entre seu eu e o outro.

Desta forma, a proposta dessa pesquisa constituiu-se em compreender como se dá a formação identitária e as relações interpessoais das crianças durante a Educação Infantil. A questão norteadora que sustentou a pesquisa foi: Como as relações interpessoais diante das questões raciais implicam para as construções identitárias das crianças? Espera-se que este estudo se constitua relevante para o meio acadêmico, tendo em vista que poderá auxiliar na reflexão sobre a prática pedagógica e na formação de professores da Educação Infantil, a fim de que eles possam desenvolver uma postura profissional que considere as diferenças étnicas raciais nas atividades cotidianas.

Realizou-se a pesquisa considerando que a construção da identidade é um processo fundamental para o entendimento das crianças sobre si, diante das diferenças que permeiam o mundo escolar. O movimento de construção identitária das crianças negras é iniciado bem cedo, juntamente com os primeiros contatos das crianças com o mundo, em suas primeiras relações com as instituições sociais.

Logo, é preciso reforçar a importância da escola para a construção da identidade negra das crianças, as discussões sobre esta temática precisam ser todos os dias lembradas na escola

para que o ambiente e as ações dela colaborem na construção da identidade destas crianças de forma positiva e auto afirmativa.

Este artigo foi organizado em cinco partes, a primeira realiza-se a fundamentação teórica acerca dos conceitos de raça, racismo, identidade e infância negra. No segundo momento apresenta-se a metodologia utilizada durante as atividades desenvolvidas. Na terceira e quarta parte, analisa-se os resultados a partir do diálogo com os referenciais teóricos metodológicos e, por fim, tem as considerações finais.

RACISMO E INFÂNCIA: POR QUE PRECISAMOS ABORDAR AS RELAÇÕES RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

A sociedade brasileira atualmente segue ainda alimentando uma série de preconceitos, e a discriminação racial é um deles. Tais práticas podem ser visualizadas por meio das denúncias divulgadas diariamente nas mídias e redes sociais, tal realidade infelizmente também se faz presente no cotidiano escolar, contudo, por vezes, o racismo é silenciado e/ou naturalizado.

Silenciar os diálogos sobre o racismo tem se tornado uma prática recorrente, uma vez que é alimentada pelo mito da democracia racial, afirmando que o Brasil é livre de preconceitos. Desconstruir tal pensamento é necessário para afirmar a existência do racismo e seus efeitos na sociedade. Nesse sentido, Abramowicz, Oliveira e Rodrigues afirmam que: "O preconceito é muito presente na escola e essa instituição, apesar de utilizar o discurso da igualdade, não respeita as diferenças [...]" (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2010, p. 87). Percebe-se por meio de tal afirmativa a necessidade de tencionar as discussões no ambiente escolar, tornando frequente as reflexões sobre as questões racistas e preconceituosas.

Cavalleiro (2006, p. 21) afirma, "[...] a construção do racismo atual deriva, em certa medida, das teorias evolucionistas do século XIX, que acabaram por influenciar várias áreas do conhecimento entre elas a Biologia e as Ciências Sociais." Trata-se, nessa pesquisa, o conceito de raça para além de qualquer teoria evolucionista, entendendo que tais definições hierárquicas e classificatórias só corroboram para a prática do racismo.

A classificação e nomeação das raças surgem com a intenção de separar o "bom" do "ruim", os europeus ditos como superiores dos outros, negros e amarelos. Segundo Borges (2002, p. 10) "[...] o termo raça foi usado nas inúmeras teorias, que se baseavam na construção da oposição entre o negro e o branco, pela constituição física ou mental". Estudiosos e cientistas fundamentaram seus trabalhos nesse conceito, que sobreviveu até hoje e está na base das doutrinas conhecidas como "racismo científico".

O conceito de raça que utilizaremos é o mesmo usado pelas ciências sociais, como um termo político, uma construção sociológica. Como afirma Munanga (2003, n.p.): "(...) eles justificam o uso do conceito como realidade social e política, considerando a raça como uma construção sociológica e uma categoria social de dominação e de exclusão." Em uma exposição didática do autor Guimarães (2003), ele explica como utiliza o termo raça em suas pesquisas. Segundo o autor, ao conceituar raça devemos nos situar, se estamos falando em termos científicos, ou uma "categoria do mundo real" (sociologia).

O termo é utilizado ainda como forma de combate à discriminação racial e o racismo existentes na sociedade brasileira, que se dão não apenas devido aos aspectos culturais dos representantes de tais grupos, mas também devido à relação que se faz na nossa sociedade entre esses, grupos negros, e os aspectos físicos observáveis na estética corporal dos pertencentes às mesmas. Em vista disso, podemos considerar a utilização do termo raça também como forma de resistência a todos os danos causados pelo escravismo (ABRAMOWICZ; GOMES, 2010).

Silva (2001) afirma que o racismo pode acontecer em três níveis: individual, institucional e cultural. Considera-se, segundo a autora, que o racismo individual é aquele que surge quando uma pessoa se julga superior a outra pelas diferenças em relação a seu fenótipo, o exemplo que apresenta-se aqui é em relação do racismo do branco ao negro; já o racismo institucional surge nas instituições como: o Estado, escolas, igrejas, empresa e tantas outras. Evidenciando o mesmo pensamento do racismo individual, o racismo institucional impede, limita ou inferioriza determinado grupo por sua diferença racial. Segundo a autora, existe também o racismo cultural, o qual considera a cultura de determinados grupos étnico-raciais inferior a outras, tal realidade é bem presente no Brasil, e acontece com religiões de matrizes africanas que sofrem grandes preconceitos.

Proporcionar as discussões supracitadas até o ambiente escolar é imprescindível, quando se considera que a escola e a creche se tornam porta de entrada para as primeiras relações de socialização entre criança/adultos e criança/criança. A experiência escolar amplia e intensifica a socialização da criança: "Interagindo com outros, a criança aprenderá atitudes, opiniões, valores a respeito da sociedade ampla e, mais especificamente, do espaço de inserção de seu grupo social." (CAVALLEIRO, 2006, p. 16). Deste modo, as relações étnico-raciais devem ser observadas e dialogadas para que a escola assuma o papel de mediadora desta questão social e não intensificadora de preconceitos, sejam eles raciais, de gênero, sociais ou outros.

A pesquisa apresentada neste artigo visa compreender de que forma as crianças constroem sua identidade social, histórica e cultural na pré-escola e como se reconhecem e relacionam-se com seus pares. Considerando que:

[...] identidade são os acidentes, as fricções, os erros, o caos, ou seja, o indivíduo forma a sua identidade não da reprodução pelo idêntico oriunda da socialização familiar, do grupo de amigos, etc., mas sim do ruído social, dos conflitos entre os diferentes agentes e lugares de socialização. (MENDES, 2001, p. 490)

Considera-se o conceito de identidade como um dos principais temas que permeiam o movimento negro. Atualmente, a construção identitária da população negra pode ser determinante para formar sujeitos conscientes de seu papel na sociedade, quando se comprometem em não permitir que a prática do racismo se perpetue, se afirmando enquanto negros e negras. É importante que essa formação de identidade aconteça não só individualmente, mas compactuando com seus semelhantes, dando, assim, mais força aos movimentos. Como aponta Gomes (2002, p. 39): “É nesse sentido que entendo a identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos.” A autora afirma que a construção da identidade implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir de relações que estabelecem entre si. “Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela nossa própria identidade” (GOMES, 2002, p.39).

A construção da identidade negra acontece primeiramente no âmbito familiar e posteriormente com a entrada das crianças na escola, reconhecendo-as enquanto negras e construindo uma autoimagem positiva em relação às crianças brancas. Como afirma Gomes (2003, p. 171):

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente tal processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece.

A compreensão dos conceitos de infância e criança que adotamos nessa pesquisa emerge das mudanças sociais em torno da infância contemporânea, a ideia de criança como "ser por inteiro", "outro de direitos" (VALENÇA, 2010), como "ator social". Desse modo, pautou-se o presente estudo no subcampo da Sociologia, Sociologia da Infância que propõe em seus estudos compreender o conceito de infância com base em suas novas apresentações, a criança real, em uma perspectiva de humanização das crianças (VALENÇA, 2010).

Uma das principais preocupações da sociologia da infância é estudar a sua socialização, responsável por tipos únicos de aprendizagens, saberes e fazeres, essa socialização acontece através das interações entre crianças e adultos e crianças e seus pares, além das suas interações com o meio (VALENÇA, 2010). A socialização das crianças acontece também através de sua interação com o meio. Inicialmente pensamos na socialização das crianças nas instituições escolares e familiares, porém existem outros lugares em que podemos observar essas interações entre seus pares e com os adultos, como o caso da escola, instituições religiosas e outras. Corsaro (2009, p. 32) define “cultura de pares” como: “um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares”.

OS CAMINHOS PARA A REALIZAÇÃO DE UMA PESQUISA COM CRIANÇAS E NÃO SOBRE CRIANÇAS

A metodologia da pesquisa foi definida com base em estudos que compreendem a infância como experiência social e individual, buscando, assim, superar os obstáculos para a realização de pesquisas com crianças, tomando como base Abramowicz, Rodrigues (2014). As escolhas dos instrumentos desta pesquisa foram pensadas diversas vezes, optou-se então por não realizar entrevistas, grupos focais ou grupos de discussões, por entender que crianças entre 4 e 5 anos podem não se sentir confortáveis diante desses instrumentos, podendo apresentar dificuldades de se expressarem oralmente, e o objetivo foi de evitar tais situações que podem ser até de estresse e sofrimento para as crianças, como afirma a autora Eloisa Rocha (2008).

A proposta foi ouvir as crianças, não as influenciar, mas ouvi-las diante de sua subjetividade, situações, questionamentos, dúvidas, histórias que surgem espontaneamente. Eloisa Rocha afirma: "Ouvir criança exige a construção de moeda de troca, de interação, mais do que de perguntas e respostas, pelas quais se nega que crianças constituem significados de forma independente." (ROCHA, 2008, p.49). Foi preciso manter a atenção nas falas das crianças, mas também entender que se deve atentar para as expressões corporais, gestuais e faciais. Além disso, os desenhos das crianças trouxeram fortes elemento de coleta de dados nesta pesquisa. Nesta perspectiva, os instrumentos adotados para realização da pesquisa foram: a observação participante e oficinas com contação de história e elaboração de desenhos. Teve-se o cuidado em escolher esses instrumentos pensando nos sujeitos de nossa pesquisa, as crianças, e a todas as particularidades que envolvem a realização de pesquisa com elas.

A pesquisa foi realizada na cidade de Amargosa, localizada no Recôncavo da Bahia, com crianças entre 4 e 6 anos em uma turma de pré-escola da Escola Municipal Professora Edelvira Sales Andrade, que fica localizada no Centro da cidade. Nessa instituição, além da

Educação Infantil, atendem também crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental nos turnos matutino e vespertino, e à noite tem a Educação de Jovens e Adultos.

Ao iniciar o estudo, foi apresentada a proposta de pesquisa aos pais das crianças por meio de uma roda de conversa, bem como solicitou a autorização para a participação das crianças através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Além de informá-los da presença de outra pessoa na sala por alguns dias. Do mesmo modo, a pesquisa e a pesquisadora foram apresentadas às crianças, e explicou-se a elas que teríamos duas etapas, a primeira seria as observações e posteriormente a realização das oficinas. As crianças se mostravam curiosas, queriam saber quando as oficinas iriam começar. A fim de preservar a identidade das crianças, utilizou-se nomes fictícios escolhidos por elas. A pesquisadora explicou às crianças que a escolha do nome precisava ser realizada, pois era preciso identificá-las ao escrever sobre os momentos que passaram juntos. Seguindo a orientação da pesquisadora, as crianças deveriam escolher entre os nomes de seus responsáveis ou de personagens que gostassem. A maioria das crianças escolheram nomes de personagens e mostraram gostar bastante da ideia. Os nomes escolhidos pelas crianças foram: Elsa, Batman, Homem de Ferro, Peppa Pig, Ben 10, Bob Esponja, Homem-Aranha, Ana (Frozen), Jamile, Príncipe, Ladybugg, Cat Noir, Homem-de-Ferro, Huck, Vânia.

Durante a observação participante o objetivo foi compreender como as relações interpessoais entre crianças diante das questões raciais implicam para suas construções identitárias. Optou-se por realizar a observação participante com o objetivo de estar mais próximo do grupo das crianças e de seu cotidiano.

Delgado e Muller (2008 p.141) afirmam que: "A investigação com crianças, pelos inúmeros desafios que nos coloca, deve ser um processo criativo, pois os pesquisadores da infância partilham que estudar crianças é problemático, principalmente ao considerarmos as distâncias entre adultos e crianças." Percebeu-se a necessidade de criar e pensar novas maneiras de ouvir e observar as crianças. Nessa perspectiva, a proposta desta pesquisa foi de oficinas com rodas de contação de história e conversa, visando a construção de desenhos. A metodologia utilizada foi a Oficina Pedagógica, em que se procurou de forma lúdica e envolvente explicar os conteúdos, propor um diálogo, apresentar uma pequena peça teatral e realizar uma atividade prática.

Segundo Candau (1995), a oficina constitui um espaço de construção coletiva do conhecimento, de análise da realidade, de um confronto e troca de experiências. A atividade, a participação, a socialização da palavra, a vivência de situações concretas através de sociodramas, análise de acontecimentos, a leitura e a discussão de textos, o trabalho com

distintas expressões da cultura popular, são elementos fundamentais na dinâmica das oficinas pedagógicas.

A interpretação feita pelas crianças sobre os desenhos criados por elas foi essencial para que as pesquisadoras entendessem o que estava implícito nas suas produções, muitas das informações obtidas ficaram claras através das falas das crianças. Utilizou-se de tal artifício com base em Natividade (2008, p. 12): “[...] para compreender o desenho infantil e aquilo que seu autor diz por meio de traços e cores lançados em uma folha de papel, necessário se faz escutar o que o próprio autor fala sobre sua produção. (NATIVIDADE, 2008, p. 12)

MOMENTOS COMPARTILHADOS

Durante as observações passou-se as tardes com as crianças, participando das suas rotinas na pré-escola, não só observando, mas também interagindo com cada uma delas. A observação participante nos tornou parte da turma, quanto menos esperamos já estávamos recebendo flores dos pequenos ao chegar à instituição, ou até mesmo sendo chamada de “pró” por elas, assim compreende-se que os momentos não são somente observados e sim vivenciados.

O tema de uma das primeiras rodas de conversas foi sobre a “Amizade”, a professora iniciou a roda de conversa chamando atenção sobre a importância da amizade em nossas vidas.

Os amigos são pessoas que ficam do nosso lado sempre, em todos os momentos, seja nos momentos de alegrias ou tristezas. Devemos cuidar de todos os nossos amigos, em todos os momentos, na brincadeira para que ninguém se machuque e nos momentos tristes também. (Professora, diário de campo, 2017)

Considera-se muito pertinente que nos primeiros anos escolares a socialização seja trabalhada com as crianças, é interessante conversar com as crianças sobre a importância das relações pessoais, seja com adultos ou outras crianças, com base no respeito, promovendo, deste modo, interações saudáveis que somem positivamente para a crianças. Ao falar do desenvolvimento infantil, a socialização é um dos temas mais relevantes, considerando que é compreendida como o acesso de interações sociais entre as pessoas, sendo essencial iniciar esse processo entre as crianças. (PINTO, BRANCO, 2009)

No momento seguinte a professora pediu para que as crianças falassem um pouco sobre seus amigos ou algo que envolvesse a amizade, alguns não quiseram falar, demonstrando um certo constrangimento, já outros relataram sobre seus irmãos, primos e vizinhos e sobre as brincadeiras com eles.

Na sala de aula não existia presença de elementos que mostrassem a Lei 10.639 sendo aplicada, em nenhum momento da pesquisa se ouviu ou se observou algum plano que

trabalhasse a História e Cultura Afro-brasileira ou situações em que essa prática ocorresse. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana apresentam a importância do trabalho como a temática:

A relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringe à população negra, ao contrário, diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática. É importante destacar que não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. (BRASIL, 2004, p. 17)

Percebeu-se que ao longo dos dias, Ladybug reclamava de um dos meninos, dizendo que ele não queria ser seu amigo, e a reclamação era frequente. No momento de dar as mãos para uma roda, ciranda e outras situações, percebemos uma certa resistência da maioria das crianças em dar as mãos à menina citada. De todas as crianças da sala, essa menina é a que tem a maior presença de fenótipo negro, além disso, a menina tem baixa visão e se senta sempre separada das outras crianças, em frente ao quadro, não interagindo tanto com elas.

Em uma das tardes a professora reuniu as crianças na rodinha, sentados em um tapete no chão, para iniciar o momento da contação de histórias. A história contada foi “O patinho feio”, então a professora apresentou a escrita da palavra pato, depois iniciou a contação da história. Após o momento da contação, a professora conversou com as crianças sobre o preconceito e a discriminação sofrida pelo patinho feio: “Não devemos falar, muito menos fazer coisas para ofender o outro porque ele é diferente. Devemos tratar todos com respeito” (Professora, diário de campo, 2017). Porém, mesmo com as constantes reclamações da menina mencionada no parágrafo anterior, em nenhum momento a professora faz algum tipo de interferência, nem questiona as crianças sobre o que estaria acontecendo. Infelizmente, a escola atua através de suas práticas negando a existência do preconceito racial, evitando falar sobre o assunto, silenciando as discriminações, como apontam as autoras Abramowicz, Oliveira e Rodrigues (2010, p.85): “A cultura negra é silenciada na escola, um silêncio que corresponde à inexistência e não simplesmente ao ato de calar-se, omitir ou abafar, mas como uma maneira de não ver, de relegar, um pacto que não deve ser quebrado. ”

O não tencionamento de questões como essa pode levar a criança tanto negra quanto branca a considerar que a não interferência do professor diante de preconceitos e discriminações significa a aceitação dele. O que é aceitável para o professor, principalmente na Educação Infantil, pode ser entendido pela criança como uma verdade absoluta, inferindo assim em sua construção tanto identitária, quanto social e afetiva. A criança negra pode construir uma

imagem negativa do professor que não a ouve, não considera suas falas e súplicas. Cavalleiro nos alerta que: “A dificuldade de lidar com o as tensões provocadas pelas questões raciais parece dar as professoras a ilusão de que ignorar é o melhor a fazer assim o “abafamento” surge como uma opção para que o problema desapareça do convívio em sala de aula.” (CAVALLEIRO, 2006, p.79).

Durante todo o período de observações a professora nomeava algumas crianças como “meu bebê”, “meu (minha) pequeno (a), o tratamento destinado com um carinho especial era para as crianças brancas e as mais novas, relembrando que a sala de aula apresentava alunos entre 4 e 6 anos. As outras procuravam estratégias para se aproximarem da professora, riam apontando as crianças afirmando que elas não eram bebês como as crianças nomeadas pela professora, algumas usavam seu comportamento para obter a atenção da professora, mesmo que fosse para brigar com elas.

Em um dos dias observados, durante o intervalo, a professora chamou uma dessas crianças mais novas para sentar-se no seu colo, recebendo um pouco de carinho. Havia poucas crianças na sala, essas riram da situação, não sabemos se diante da presença da pesquisadora a professora intimidou-se, mas ela iniciou uma conversa com os alunos:

Não é somente ele que é o meu bebê, todos você são. Vai Huck, agora Cat Noir vai ser o bebê da pró. (Professora, diário de campo, 2017)

O menino que antes ria da situação, afirmando não ser um bebê, rapidamente correu para os braços da professora, logo em seguida, já existia uma fila de alunos querendo o colo da professora, mesmo que timidamente. Percebe-se que o carinho desejado por todos, quase sempre é destinado apenas para um grupo de crianças, geralmente as brancas. Cavalleiro (2006) apresenta os impasses sobre a igualdade do âmbito escolar diante de comportamentos diferenciados direcionados a crianças brancas e crianças negras:

Torna-se complicado encontrar igualdade diante de tratamentos tão desiguais. Esse modo de explicar as diferenças mostra-se distante da realidade cotidiana das crianças, tendo em vista que o dia-a-dia não lhes oferece provas de igualdade. Ao contrário, confirma a existência de tratamentos diferenciados pautados na origem étnica. (CAVALLEIRO, 2006, p. 71)

Acontece um movimento na sala de aula, no que diz respeito ao tratamento das crianças em sala de aula, colocando elas em grupos de crianças acolhidas, que recebem mais suportes, reconhecimento de seus avanços, constantes elogios e demonstrações de afeto (crianças brancas em sua totalidade), e outro de crianças esquecidas que são vistas como bagunceiras, pertencentes a famílias com problemas, quase sempre as que a professora fala seus nomes para chamá-las atenção. Muitas crianças são rotuladas por apresentarem determinado

comportamento, agressivo demais, muito curioso, desinteressado, muitas vezes sendo apontados diante de toda a turma, com falas como, por exemplo: “Homem-Aranha é muito danado, todos os dias preciso mudar ele de lugar” (Professora, diário de campo, 2017). Segundo Oliveira e Abramowicz (2010):

O racismo presente na educação infantil aparece de forma um pouco distinta daquela encontrada no ensino fundamental. Enquanto na escola o desempenho escolar mais baixo das crianças negras é fator identificador do racismo, no ensino fundamental, na educação infantil, o racismo aparece nas relações afetivas e corporais entre adultos e crianças e nas brincadeiras espontâneas destas, já que sabemos que o jogo é uma prática fundamental nessa faixa etária. (OLIVEIRA, ABRAMOWICZ, 2010, p.221)

Bob Esponja, criança negra, pertencente ao segundo grupo acima abordado, é um estudante compreendido como o problema da sala, a professora a todo tempo o chama atenção. Em uma das tardes ele se sentou perto de um dos meninos “pertencente” ao grupo das crianças acolhidas pela professora, sobre esta criança a professora já havia chamado a atenção da pesquisadora sobre Bob Esponja em um dos dias de observação: “Você precisa ficar de olho nele, ele costuma pegar os materiais dos colegas. Isso já me deu muito problema, eu preciso ficar olhando a mochila”. Essa fala aconteceu diante da criança, reafirmamos sobre o cuidado que devemos ter com as falas direcionadas às crianças, uma vez que elas podem internalizar essas falas como verdades absolutas.

A distinção no que diz respeito à forma como as crianças são tratadas, Oliveira e Abramowicz (2010) apontam que o racismo surge na Educação Infantil, na medida em que as crianças negras são menos “paparicadas”, em relação às crianças brancas. As autoras afirmam que: [...] o racismo, na pequena infância, incide diretamente sobre o corpo, na maneira pela qual ele é construído, acariciado ou repugnado. (OLIVEIRA, ABRAMOWICZ, 2010, p.221)

Notou-se que na sala observada o corpo negro é excluído, apontado e estigmatizado, a relação com as crianças brancas é diferente, a elas são destinados os carinhos, elogios, são sempre bem acolhidas em sala. Cavalleiro aponta que:

A escola oferece aos alunos, brancos e negros, oportunidades diferentes para se sentirem aceitos, respeitados e positivamente participantes da sociedade brasileira. A origem étnica condiciona um tratamento diferenciado na escola (CAVALLEIRO, 2006, p. 98).

Com base no que foi observado e nas problematizações aqui expostas, entende-se que no ambiente escolar as relações interpessoais construídas entre as crianças e seus pares são compreendidas em seus menores elementos como: olhares, gestos, falas, atitudes determinantes para a construção identitária da criança negra. Nos tópicos seguintes serão abordados os

resultados e reflexões obtidas através das oficinas pedagógicas aplicadas na sala de aula em que se realizou a pesquisa.

TENSÕES ENVOLVENDO AS CORES DE PELE

A primeira oficina aplicada como instrumento de coleta de dados foi a oficina Redescobrimo a Diversidade, o livro foi escolhido com o objetivo de iniciar os diálogos sobre as diferenças. Os objetivos da oficina foram: apresentar ou representar a importância da diversidade em nossa sociedade; propor reflexões sobre a diversidade e perceber, através das falas, gestos, comportamento e dos seus desenhos, como as crianças lidam com tal temática.

O livro Diversidade de autoria de Tatiana Belinky (1999) apresenta algumas diferenças, recorrentes a nós seres humanos, como: alto, baixo, gordo, magro, risonho, envergonhado, um tranquilo, ou outro nervoso, até o ponto que fala sobre pessoas de pele clara e pessoas de pele escura (parte da história que enfatizamos no momento da contação). A autora finaliza a história da seguinte maneira:

Tudo é humano,
Bem diferente
Assim, assado
Todos são gente
Cada um na sua
E não faz mal
Di-ver-si-da-de
É que é legal.
Vamos, venhamos
Isto é um fato:
Tudo igualzinho
Ai, como é chato! (BELINKY, 1999, p. 32)

Ao longo da contação, falas das crianças foram surgindo a partir das inquietações advindas da leitura do livro. Ao citar que um tem pele clara e o outro a pele escura, a pesquisadora questionou as crianças se na sala podíamos encontrar essas diferenças, algumas crianças afirmaram que sim, outras que não. Surgindo falas como: Tem gente moreno, gente marrom, preta, branca. Foi então que surgiu a seguinte situação:

Cat Noir: Tem gente marrom, e tem que é cor de pele. (Diário de campo, 2017)
Pesquisadora: Mas que cor é cor de pele? (Diário de campo, 2017)
Cat Noir: Cor de pele é assim, da cor, igual a pele nossa. (Diário de campo, 2017)

Nesse momento, a pesquisadora pegou a caixa de lápis giz de cera, que seria usada posteriormente na oficina, e mostrou as cores ao menino e solicitou que ele pegasse a cor que estava se referindo, depois a pesquisadora perguntou às crianças:

Pesquisadora: Todos concordam que essa cor seja cor de pele? (Diário de campo, 2017)

A maioria das crianças gritaram bem forte, que sim, apenas um dos meninos disse que não. “Essa cor é muito clara.” (Homem de Ferro, diário de campo, 2017). Então a pesquisadora o chamou e pediu para que ele segurasse o lápis. Perguntando às crianças se aquela cor do lápis se parecia com a cor de sua pele. Todos falaram que não, então a pesquisadora continuou explicando às crianças, como essa cor pode se chamar cor de pele se existem outras cores de pele que não essa, pegando da caixinha o lápis marrom. E perguntando, e essa cor, qual o nome dela? E todos gritaram, marrom, então a pesquisadora seguiu: Essa cor não é a cor de pele de Ladybug? E todos concordaram que sim, então ela questionou: Se essa é a cor de Ladybug, por que também não chamamos ela de cor de pele?

Essa cor aqui, o marrom, também é uma cor de pele. Porque as pessoas têm cores de pele diferentes. Aquela cor que vocês falaram, tem outro nome. Vocês sabiam? Na verdade, podemos chamá-la até de mais de um nome como: laranja e cor de abóbora, que é a mesma cor, mas tem dois nomes. Na verdade, o nome daquela cor pode ser rosa, bege ou até nude. Temos que entender que não existe só aquele tom de pele, por isso não podemos chamá-la dessa forma. (Pesquisadora, diário de campo, 2017)

Após a contação de história, convidou-se as crianças a assistir um vídeo da música “Normal é ser diferente”, do álbum *Grandes Pequenininhos* de Jair Oliveira e Tania Khalil (2009). Relacionando a história com a música apresentada, a pesquisadora questionou as crianças quais as semelhanças entre elas, algumas crianças afirmaram ser o diferente, citando a criança cadeirante que aparece ao decorrer do clipe da música. Perguntou-se às crianças quais as diferenças que se pode identificar na sala de aula. Elas citaram vários tipos de diferenças como: cabelo, cor, corpo, tamanho, olho, nariz, boca. Então a segunda estrofe da música foi enfatizada:

Amigo tem de toda cor, de toda raça
Toda crença, toda graça
Amigo é de qualquer lugar
Tem gente alta, baixa, gorda, magra. (OLIVEIRA; KHALIL; 2009)

Conversou-se um pouco com as crianças sobre as diferenças apresentadas, tanto na música quanto por elas mesmas em suas falas, falou sobre o respeito às diferenças, conversando com as crianças que devemos sempre querer o bem de todos, sempre sermos amigos, mesmo que o outro seja diferente. No momento desta fala, a menina negra Ladybug pediu para falar, mais uma vez a menina questionou:

Pró, Príncipe não me empresta a borracha. Ele não quer ser meu amigo.
Príncipe você quer ser meu amigo? (Ladybug, diário de campo, 2017)

O menino permaneceu em silêncio. Continuamos conversando sobre as amizades e o companheirismo, evidenciando que em uma sala de aula todos devem ser parceiros, para que

se ajudem tanto nas atividades quanto em outros momentos. Após a roda de conversa e a contação de história, a pesquisadora pediu que as crianças desenhassem a sua turma, demonstrando através dos desenhos as diferenças presentes em sala de aula.

Figura 1 - Desenhos das crianças feitos durante a Oficina Redescobrimdo a Diversidade



Fonte: Dados da pesquisa.

Por meio dos desenhos “A, B, C” pode-se perceber que as crianças tendem a homogeneizar toda turma, mesmo o tema central da oficina sendo diferenças, alguns alunos criam um padrão branco para colorir seus desenhos, as cores variam entre bege e rosa, desconsiderando a presença das crianças negras. Selecionou-se quatro desenhos que mais chamaram a atenção para analisar. Os desenhos “B e C” foram feitos por Homem de Ferro 2 e Batman, ambas crianças brancas.

O desenho “A” foi feito por Ladybug (conforme a figura 2), menina negra, porém todas as crianças representadas por ela no desenho foram pintadas de bege. Enquanto as crianças desenhavam, a pesquisadora passava entre suas carteiras observando a construção dos desenhos e conversando sobre os mesmos. Ao conversar com Ladybug, a menina falou que no seu desenho resolveu colocá-la com os seus óculos para que todos soubessem que era ela, afirmando a sua presença no desenho, mas sem fazer nenhum comentário sobre a cor da sua pele.

A menina expressou em sua atitude um sentimento de recusa à sua cor, esse sentimento é chamado por Cavalleiro (2006) de “desejo de mutação do próprio corpo”, considerando o desejo da criança de pertencer a outro grupo étnico. Em nenhum momento durante a conversa ela comentou sobre a cor da pele das crianças que representou em seu desenho.

Figura 2 - Confeção de desenho por Ladybug



Fonte: Dados da pesquisa.

Mesmo com todas as discussões feitas ao longo oficina, percebeu-se a dificuldade das crianças de lidar com as diferenças, principalmente relacionado a diferença de cor. A estética branca passa a ser dominante no contexto educacional, como aponta Cavalleiro (2006, p. 65) “[...]o modelo de beleza branca pode estar se tornando desejável”. Pode-se considerar que o contexto em que as crianças negras estão inseridas na pesquisa não as permitem se sentir confortáveis com sua cor de pele, negando-a em seus desenhos. Acredita-se que desde a infância as crianças aprendem as implicações das categorias raciais, o que é muitas das vezes consolidado em sua vida adulta, atribuindo assim um valor ao povo negro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já foi afirmado, entende-se que é no período da Educação Infantil que os primeiros conceitos de belo, bom, mau, feio, bonito, entre outras coisas, começam a ser constituídos. Logo, para que a criança negra constitua sua identidade, construindo um autoconceito positivo e não estereotipado, é preciso que o sistema educacional colabore para esse processo, através das socializações, das práticas que lhes são apresentadas, entre outras situações.

Durante a pesquisa identificou-se a existência de alguns conflitos entre crianças negras e brancas, conflitos esses que dizem respeito a um tratamento diferenciado a duas crianças negras. A primeira, vista sempre como uma ameaça às crianças brancas, essas que sempre o

apontava como um intruso, não sendo um igual naquele grupo escolar, já a segunda criança, percebemos o conflito no qual estava inserida a partir de suas queixas relacionadas a um colega, afirmando que o mesmo não queria ser seu amigo.

Considera-se que esses conflitos mesmo que indiretamente são ocasionados pela presença de uma estética não branca, uma criança é recriminada por seu comportamento, outra sente falta da amizade de um dos seus colegas. As crianças negras podem associar esse tratamento diferenciado ao seu pertencimento ao grupo étnico negro, logo criar um sentimento de repulsa a sua cor, surgindo um desejo de branquear-se para tentar um tratamento igual. Percebe-se uma homogeneização em relação a cor da pele nos desenhos das crianças, quando todos pintam a pele com uma cor aproximando-se do rosado, podemos pensar que expressam através desses desenhos o seu desejo de tornar-se brancos e brancas. O relacionamento com seus pares e a opinião deles pode se tornar uma lacuna no que diz respeito a construção da identidade da criança negra. As relações interpessoais entre as crianças e sua professora, considerando-a como o adulto que as crianças têm mais contato na escola, e que a figura da professora surge como um exemplo de conduta ideal para as crianças.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A; OLIVEIRA, F. de; RODRIGUES, T. C. A criança negra, uma criança negra. In: ABRAMOWICZ, A; GOMES, N. L. (Orgs.). *Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ABRAMOWICZ, A; RODRIGUES, T.C. Descolonizando a pesquisa com crianças em três obstáculos. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 35, n. 127, p. 461-474, abr.-jun. 2014. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 30 de março de 2019.

ABRAMOWICZ, A.; GOMES, N. L. (orgs.). *Educação e Raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BELINKY, T. *Diversidade*. FTD Didáticos, 2015.

BORGES, E. *Racismo, preconceito e intolerância* / Edson Borges, Carlos Alberto Medeiros, Jacques d' Adesky: coordenação Wanderley Loconte. – São Paulo: Atual, 2002.

BRASIL. Lei nº 10. 639/2003, de 09 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9. 394 de 20 de dezembro de 1996. *Base da Legislação Federal do Brasil*. Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm >. Acesso em: 27 de março de 2019.

CAVALLEIRO, E. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: educação e poder: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2006.

CANDAU, V. M. et al. *Oficinas pedagógicas de direitos humanos*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

CORSARO, W. Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças: diálogos com William Corsaro. In: *Teoria e prática na pesquisa com crianças*. Fernanda Muller, Ana Maria Almeida Carvalho (org). São Paulo: Cortez, 2009.

DELGADO; MULLER. Ana C. Coll, Fernanda. Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças. In: *A criança fala: a escuta das crianças em pesquisas*. CRUZ, S. H. V. C. (org.). São Paulo: Cortez, 2008.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. *Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03*. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2002. P. 39 - 62.

GOMES, N. L. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. in: *Racismo e antirracismo na educação: Repensando nossa escola*. CAVALLEIRO. Eliane (orgs). São Paulo: Summus, 2003.

GOMES, N. L. Educação e Identidade Negra. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, [S.l.], v. 9, p. 38-47, dez. 2002. ISSN 2317-2096. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1296/1392>>. Acesso em: 13 jun. 2019.

GUIMARÃES, A. S. A. *Como trabalhar com raça em sociologia*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n.01, p. 93-108, 2003.

MENDES, J. M. O. *O desafio das identidades, Globalização: Fatalidade ou Utopia?*. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

MUNANGA, K. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, em 5 nov. 2003.

NATIVIDADE, M. R. da; COUTINHO, M. C.; ZANELLA, A. V. *Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural*. Contextos Clínicos, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 9-18, jun. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822008000100002>. Acesso: em 30 de março 2019.

OLIVEIRA, F. de; ABRAMOWICZ, A. *Infância, raça e "paparicação"*. Educ. rev. vol.26 no.2 Belo Horizonte Aug. 2010.

PINTO, R. G.; BRANCO, A. U. Práticas de socialização e desenvolvimento na educação infantil: contribuições da psicologia sociocultural. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto - SP, v. 17, n. 2, p. 511-525, 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000200020>. Acesso em: 04 de setembro de 2018.

ROCHA, E. A. C. Por que ouvir crianças? Algumas questões para um debate para um debate científico multidisciplinar. In: *A criança fala: a escuta das crianças em pesquisas*. CRUZ, Silvia Helena Vieira Cruz (org.). São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, M. A. da. Formação de educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial. In: *Racismo e anti-racismo na educação: Repensando nossa escola*. CAVALLEIRO. Eliane (orgs). São Paulo: Summus, 2001.

VALENÇA, V. L. C. *A sociologia da infância e a educação das crianças*. Inter-Ação, Goiânia, v. 35, n.1, p. 63-80, jan/jun 2010.